

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

ORALIDADE PÓS-LETRAMENTO: INFLUÊNCIAS DA PRÁTICA DA ESCRITA

JOSÉ MARIO BOTELHO (FFP-UERJ E ABRAFIL)

RESUMO:

A prática da escrita representa muito mais do que uma atividade humana de comunicação e expressão do pensamento a partir da escolha de uma das modalidades da língua: a linguagem oral ou a linguagem escrita. É, de fato, uma das práticas sociais, uma vez que não se trata de escolher esta ou aquela forma de expressão ou comunicação lingüística, conforme observou Duranti (*Apud* MARCUSCHI, 2001, p. 35) e Marcuschi (2001) entre tantos outros.

Logo, aprender ou apreender a escrita não torna um membro de uma dada comunidade tão-simplesmente capaz de efetivar mais uma forma de expressão, mas o insere definitivamente numa sociedade de letramento dinâmico, cuja oralidade se caracteriza como fala pós-letramento, a qual sofre influências contínuas da escrita (Cf. BROWN, 1981; KATO, 1987; TERZI, 1995; BOTELHO, 2002).

Introdução

Definitivamente, o advento da escrita provocou uma série de modificações no comportamento da humanidade, desde o modo de estruturar o pensamento à simples comunicação numa interação social. A mente do homem, por conseguinte, deixou de estar centrada na oralidade e passa a estar centrada na escrita, como descreve Ong (1992) e como já observaram Goody & Watt (1968). Isto é, as socie-

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

dades, que antes se caracterizavam por uma cultura de oralidade primária, passam a ser de cultura de oralidade secundária.

Sendo a cultura de oralidade primária aquela, em que a oralidade não fora afetada pela cultura escrita, exatamente por que se desconhecia totalmente a escrita. Logo, numa sociedade de cultura de oralidade secundária, a oralidade apresenta-se bastante afetada pela escrita e por tudo que ela oferece, porquanto o seu desenvolvimento inaugura um mundo novo.

Com a escrita, desenvolvem-se a imprensa e a forma de divulgação da informação, que causam outras tecnologias como o telefone, rádio, televisão e outros dispositivos, relacionados diretamente à escrita.

Transformações também podem ser observadas no uso oral da língua com a prática da escrita, o que nos faz acreditar numa oralidade culta, mais bem estruturada por ser complexa quanto ao seu processo de elaboração e, ao mesmo tempo de maior clarividência e objetividade semântico-pragmáticas, quanto ao seu resultado efetivo.

Assim, faz-se necessário observar aquela oralidade que se desenvolve antes da prática assídua da escrita – a oralidade pré-letramento – e a que se desenvolve após a referida prática – a oralidade pós-letramento¹.

Não basta, portanto, considerar oralidade e escrita como modalidades da língua tão-simplesmente; é mister observar e descrever

¹ Cf. BROWN, 1981; KATO (1987); TERZI (1995); MARCUSCHI (2001); BOTELHO (2002).

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

as características fundamentais de cada uma das modalidades e o fenômeno de influencição de uma sobre a outra, que se efetiva num processo contínuo.

Logo, aprender ou apreender a escrita não só torna um membro de uma dada comunidade capaz de efetivar mais uma forma de expressão, mas também o insere definitivamente numa sociedade de letramento dinâmico, cuja oralidade se caracteriza como fala culta, a qual sofre influências contínuas da escrita.

Considerações sobre a natureza da linguagem oral e da linguagem escrita

A partir dos estudos de Chafe (1987), que melhor distinguiu linguagem oral e linguagem escrita, vamos procurar estabelecer uma comparação entre essas duas práticas da língua.

De certo, escrever e falar constituem duas práticas distintas, que, num passado recente, foram marcadas por contradições teóricas famosas².

Os estudos de Chafe (*Op. cit.*) identificam mais precisamente as diferenças a serem encontradas nos dois tipos de linguagem usados por falantes e escritores, para em seguida tentar explicar as causas fundamentais de tais diferenças.

² Cf. BLOOMFIELD (1933, p. 21).

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

As observações feitas pelo autor nessa pesquisa se limitam a uma comparação entre a conversação e a escrita acadêmica – dois extremos da fala e da escrita, que se opõem.

Chafe reconhece de imediato que as linguagens falada e escrita não constituem um fenômeno unificado, embora procure determinar as diferenças entre o texto-protótipo da fala e o texto-protótipo da escrita. De fato, não se tem no referido trabalho uma comparação entre a linguagem falada e a linguagem escrita em si; Chafe compara os textos de maior referência de cada modalidade, para definir as suas propriedades.

Em outro trabalho com Deborah Tannen, é levantada a hipótese de que

(...) diferentes condições de produção, assim como usos de diferentes intenções propicia à criação de diferentes tipos de linguagem. (CHAFE; TANNEN, 1987, p. 309)

Acrescentam os autores que a conversação comum é a forma prototípica de linguagem, a partir da qual se deveriam comparar todos os outros gêneros quer sejam falados, quer sejam escritos.

Para tal concepção, os autores se valem do fato de que a conversação, de modo geral, é o tipo de linguagem usado por todas as pessoas normais.

Para eles a linguagem oral, assim como a linguagem escrita, supõe uma multiplicidade de estilos, embora haja uma grande quantidade de envoltório entre a fala e a escrita. Ainda assim, alguns tipos

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

de linguagem oral podem ser reproduzidos na escrita e alguns de linguagem escrita, na fala, porquanto nada impede que aspectos de uma sejam emprestados pela outra.

Contudo, podem-se observar alguns fatores causadores das diferenças entre linguagem oral e linguagem escrita: o contexto, a intenção do falante ou do escritor e o tópico do que se diz ou escreve.

Chafe (1987) analisou quatro tipos de produções discursivas para a caracterização dessas diferenças: conversação e conferência (produções discursivas da oralidade), e carta e artigo acadêmico (produções discursivas da escrita)³.

O autor observou fatores lexicais, como a escolha de vocabulário, a quantidade e a qualidade desse vocabulário, graus de formalismo e de coloquialismo, etc.

Observou fatores sintático-estruturais, como extensão das frases na oralidade, limitada pela entoação, e na escrita, pela pausa.

Para Chafe a unidade relevante da fala parece ser a entidade basicamente prosódica, que chama de “unidade de entonação”⁴. Na escrita, as unidades de entonação são mais longas (em torno de nove palavras) do que na fala (em torno de seis palavras), que se limita em tamanho pela “memória de curto prazo” ou capacidade de “consciência focal” do falante e, provavelmente, pela consciência que esse tem das limitações de capacidade do ouvinte.

³ Cf. BOTELHO (2002)

⁴ Cf. CHAFE (1985)

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

Observou, ainda, fatores semântico-pragmáticos ou estilísticos. A interação social, por exemplo, que é natural da fala em contraste com o isolamento social, que é natural da escrita, são enfatizados pelo autor.

Enfim, na caracterização das modalidades da língua para a identificação de suas propriedades, Chafe escrutou praticamente todas as partes da gramática da língua. Para isso, lança mão dos seguintes parâmetros: variedade de vocabulário, nível de vocabulário, construção de orações, construções de frases e envolvimento e distanciamento.

1. Variedade de vocabulário

A seleção dos itens desse repertório se processa de modo diferente na fala e na escrita.

Diferem, por exemplo, quanto ao tempo de escolha dos itens na produção. O tempo de planejamento e o de execução praticamente se confundem na fala; já tão logo se escolhem os itens, já são proferridos. Na escrita, o tempo é limitado pelo usuário a partir da necessidade de produção. Para isso, o controle do que se expressa é muito mais propício na escrita; na fala, a contensão é maior e, em consequência disso, os falantes tendem a operar com um número menor de escolhas lexicais do que os escritores. Em vista disso, o vocabulário da linguagem oral se nos apresenta mais limitado em variedades.

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

Também se pode deprender que o processo de produção da oralidade constitui uma restrição poderosa. Isto é, a elaboração essencialmente rápida que impõe o processo da fala produz um vocabulário menos variado, e isso independe do tipo de fala em referência.

Logo, a variedade lexical do repertório de um dado usuário depende das circunstâncias, às quais ele se submete durante a produção discursiva.

In writing, with or without editing, one always has more time for choice. In other words, the constraints inherent in the speaking and writing processes are dominant here and are not overridden by different uses of the two. (CHAFE, 1987, p. 89)

2. Nível de vocabulário

Chafe considera haver palavras e expressões exclusivas de cada repertório e um sem-número de itens neutros, que ocorrem normalmente em ambos os repertórios. Os níveis se verificam nos distintos registros lingüísticos, considerando a adequação dos itens escolhidos e do repertório em si.

Decerto, o vocabulário da fala é inovador e flutuante, enquanto o vocabulário da escrita é, em geral, conservador. Certamente, o vocabulário da escrita retém seus itens lexicais consagrados e pode receber eventualmente os itens lexicais do vocabulário da fala, acomodando-os perfeitamente. Apesar de as novidades de vocabulário terem menor valor na escrita, em que a fixação do estoque de muitos

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

itens diferentes é mais importante, muitos são os neologismos que nela se instalam.

Tal fato confirma que, apesar de os vocabulários de cada modalidade serem característicos, itens lexicais mais ou menos formais ou coloquiais podem ser utilizados pelo falante e pelo escritor quando lhes forem convenientes.

3. Construção de oração

Para a discussão desse tópico, o autor se baseia na oração gramatical, mas considera mais realista proceder em termos de “unidade de entonação”, que inicialmente (CHAFE, 1980) denominava “unidade de idéias”.

A referida unidade de entonação tem as seguintes propriedades: a) é proferida com um simples e coerente contorno entonacional; b) é seguida de pausa; e c) é apropriada para ser uma frase simples. Caracteriza-se por ser uma oração (com verbo e complementação), mas pode ocorrer como uma expressão fragmentada.

Chafe especula que tal unidade de entonação expressa o que está na “memória de curto prazo” do falante ou “focos de consciência” no momento de produção. Por ser limitada a capacidade do falante em manter a atenção em expressões extensas, a unidade de entonação da fala constitui-se de mais ou menos 6 (seis) palavras.

Na escrita, há uma prosódia dissimulada, análoga à da fala, que normalmente é marcada pela pontuação e que, apesar de não

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

serem iguais, para o objetivo do atual estudo Chafe as concebe equivalentes.

Os escritores estão isentos das restrições que reduzem o tamanho das unidades de entonação na fala. Contudo, embora não sejam limitados pela memória de curto prazo, os escritores limitam as unidades de entonação em torno de 9 (nove) palavras. Na escrita, as unidades são maiores, porque nelas se verificam os seguintes artifícios: estruturas preposicionadas, nominalizações, adjetivos atributivos e substantivos.

4. Construção de frase

Na fala, é comum o uso da conjunção “e” para ligar orações. Isto é, há uma forte tendência por parte dos falantes em produzir seqüências simples de orações coordenadas, evitando as relações interoracionais mais elaboradas, encontradas na escrita. A sintaxe elaborada requer maior esforço de produção do que os falantes possam normalmente aplicar, por isso a linguagem falada de qualquer tipo tende a coordenar orações mais freqüentemente que qualquer tipo de linguagem escrita.

A função da frase na linguagem oral é problemática, mas os falantes parecem produzir uma entonação final de frase quando julgam que chegaram ao fim de uma seqüência coerente. O que produz essa coerência pode variar de um momento para o outro.

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

Chafe reafirma que as frases da escrita são mais bem planejadas que as da oralidade, dando evidência do tempo e do esforço de sua construção. Unidades de entonação são as unidades naturais da fala, seu conteúdo e sua estrutura dependem da capacidade da memória de curto prazo, enquanto frases são as unidades principais da escrita, porque os escritores têm tempo para aperfeiçoarem as complexas, porém coerentes estruturas frasais, as quais os falantes são obrigados a fazer rapidamente.

Segundo Chafe, ainda que o comprimento principal de frases na fala seja de em torno de 18 (dezoito) palavras, esse número não tem significação especial. A frase em artigo acadêmico, ao contrário, contém em torno de 24 (vinte e quatro) palavras, como se os escritores tivessem intuitivamente o conceito do tamanho normal da frase que os falantes não têm.

5. Envolvimento e Distanciamento

Das propriedades da fala e da escrita que são atribuídas às diferenças entre os dois processos, a rapidez e a facilidade de esvaecimento da fala, quando opostos à cautela e a editabilidade da escrita, são as principais. Outra importante diferença entre a fala e a escrita é o relacionamento entre o emissor e o receptor.

A audiência da fala na maioria das vezes não só está presente como também pode participar física e efetivamente do processo, ao

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

contrário do que ocorre na escrita cuja audiência é normalmente ausente e freqüentemente desconhecida.

Segundo Chafe, na linguagem falada há um envolvimento do falante com sua audiência, consigo mesmo e com a realidade concreta do que está sendo falado. A linguagem escrita carece de qualquer desses aspectos e pode mostrar indicações de distanciamento do escritor com sua audiência, consigo mesmo e com a realidade.

Tais traços lingüísticos de envolvimento ou de distanciamento não são cognitivamente, mas contextualmente, determinados. Podem ser anulados quando o conteúdo é apropriado. Chafe reafirma que tais traços não distinguem necessariamente a fala da escrita, e muitos discursos escritos são mais semelhantes à oralidade do que alguns discursos orais.

O uso dos pronomes de 1.^a pessoa, por exemplo, caracteriza o envolvimento consigo próprio. Manifesta-se em maior grau nas cartas; nelas, não existe a inibição que poderia ocorrer em consequência da presença de um interlocutor. Esse uso não é necessariamente um traço que diferencie a fala da escrita, mas principalmente um traço que a ausência de uma audiência direta possa criar quando as circunstâncias são convenientes.

Muitas são as indicações lingüísticas de envolvimento com a realidade concreta. Uma das mais freqüentes é o uso de advérbio de tempo ou de lugar e de orações adverbiais. Tal traço, de envolvimento com o tempo ou com o lugar específicos também não é um traço que diferencie necessariamente a fala da escrita; é especialmente

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

algo que é esporádico em um tipo de escrita e comum em outro. Apesar de ser característico da fala e de certos tipos de escrita, tal traço pode ocorrer esporadicamente na escrita de forma conveniente.

Na opinião do autor, os traços de distanciamento mostram um interesse em idéias que não se prendem a pessoas, eventos, tempos ou lugares específico, apesar de mostrarem uma preocupação com os aspectos concretos da interação de linguagem e com a realidade concreta. Esses traços de distanciamento são predominantemente na escrita acadêmica.

Chafe ressalta também que a linguagem envolvida proporciona orações cujos sujeitos se referem a pessoas concretas, enquanto a linguagem distanciada usa orações cujos sujeitos se referem a abstrações. A voz passiva também constitui um traço de distanciamento, pois ocorre comumente na escrita. Um outro traço de distanciamento é o uso de processos que expressam a probabilidade de algumas declarações genéricas serem verdadeiras (do tipo: “normalmente”, “usualmente”, etc.). Todos esses traços são indicações de distanciamento, comuns à escrita.

O caráter isomórfico das linguagens

No presente trabalho, a partir de observações de Brown & Yule (1983), Ong, (1982), Tannen (1982b, 1983, 1984 e 1985), Soares (1985 e 1989), Kato (1987), Marcuschi (2001), entre tantos outros, e levando em consideração aquelas observações de Chafe (1987), cor-

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

roboro a conclusão a que tinha chegado anteriormente⁵: a linguagem oral e a linguagem escrita apresentam cada uma as suas particularidades, mas não deixam de ser semelhantes, mormente porque são modalidades discursivas de um mesmo sistema lingüístico.

Neste trabalho, os estudos de Chafe receberão um certo destaque, porquanto funcionarão como **leitmotiv** da tese de que há mais semelhanças do que diferenças entre as modalidades oral e escrita da língua. Assumo, portanto, que o ser humano normal nasce com a capacidade de adquirir e processar todas as operações possíveis de uma dada língua e que a linguagem escrita é parcialmente isomórfica com a oral, se se admitir que, além de ambas se utilizarem do mesmo sistema de possibilidades lingüísticas (que é a língua), diversos tipos de práticas sociais de produção textual situam-se ao longo de um contínuo tipológico, que apresenta a escrita formal e a fala espontânea em cada uma de suas extremidades, como observaram Marcuschi (1995 e 2001) e Koch e Österreicher (1990), entre outros.

Sobre as estratégias dos usuários de uma dada língua para a produção de seus textos, as quais se relacionam com o caráter isomórfico das linguagens, afirma Kato:

O desenvolvimento da escrita parece ainda seguir alguns princípios já postulados para a aquisição da fala. A nível microestrutural, as falhas na leitura e os desvios na produção escrita podem ser explicados como decorrentes do uso automático das mesmas estratégias usadas na fala, o que nos leva a crer que existem princípios que regem a produção e a compreensão, independentemen-

⁵ Cf. BOTELHO (2003).

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

te da modalidade. A nível macroestrutural, o desenvolvimento vai de uma forma expressivo-egocêntrica para formas transacionais do discurso, da mesma forma que, na linguagem oral, a criança vai da fala egocêntrica para a fala socializada mais elaborada. (KATO, *op. cit.*, p. 120)

Não é difícil perceber que, embora a linguagem escrita tenha características particulares, o que a distingue da linguagem oral, há muita semelhança entre elas.

Esta isomorfia é mais acentuada em textos (orais e escritos) de indivíduos que mantêm um contato constante com a escrita e a oralidade, isto é, quanto maior for a prática do escrever e do falar, maior será a semelhança entre a escrita e a fala. Daí, a crença na influência de uma sobre a outra. Mas, na fase inicial, é a escrita que recebe influência da fala, dando início a um ciclo de simulações contínuas. Poder-se-ia traçar o seguinte esquema, proposto por Kato:

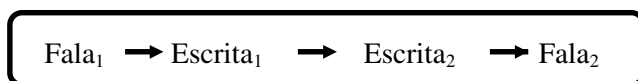


Figura 1. Direção de simulações entre fala e escrita (Cf. KATO, *op. cit.*, p. 11).

A Fala₁ é a fala desenvolvida pela criança antes do contato com a escrita – é a fala pré-letramento –; a Escrita₁ é a que a criança desenvolve inicialmente, na qual procura representar a fala naturalmente; a Escrita₂ é a que se distingue e se distancia da fala, devido a convenções gramaticais; a Fala₂ é a que procura representar a escrita naturalmente.

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

Para Brown (1981) há dois tipos distintos de fala: a fala pré-letramento e a fala pós-letramento. Aquela, anterior ao letramento, exerce influência sobre a escrita, dando início ao que venho chamando de isomorfia parcial; esta, posterior ao letramento, sofre influência da escrita, o que faz o falante executá-la conforme o que sabe da escrita. E é neste estágio da linguagem que se pode verificar a isomorfia de que falo.

Brown aponta algumas variáveis de ordens sintática, lexical e morfológica que podem determinar as diferenças entre a fala pré-letramento e a fala pós-letramento. Tais variáveis constituem uma abordagem lingüística formal, que pode facilitar os trabalhos de comparação entre a linguagem oral e a linguagem escrita.

Brown ressalta o grau de obediência à norma-padrão, a qual na sua opinião constitui o critério definidor das duas modalidades da língua, já que as produções escritas normalmente sofrem restrições de normas gramaticais. Porém, o que realmente importa no estudo desse autor é a sua concepção de que a escrita influencia a fala. E é isto que dá respaldo à asserção de Kato:

Na verdade, como já mencionei anteriormente, acredito, como Brown, que a fala-padrão nada mais é do que a simulação da própria escrita. Esse tipo de simulação tem se aperfeiçoado através do que Ong chamou de tecnologia da fala. (*Idibidem*, p. 23)

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

Dessa asserção de Kato, depreende-se também que Brown concebe a fala pós-letramento como uma simulação da escrita e, por conseguinte, uma fala-padrão.

Mas a mim, me parece que não é exatamente isso o que acontece, ou melhor, não ocorre apenas uma simulação da escrita, mas um ciclo de simulações contínuas que poderia ser assim esquematizado:

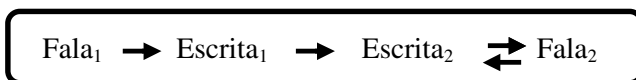


Figura 2. Direção de simulações entre fala e escrita com ciclo de simulações contínuas.

Assim como descreve Kato, a Escrita₂ se distingue e se distancia da fala, porém essa “fala” tem que ser entendida como a fala pré-letramento, ou seja, aquela em que não há influência da escrita, uma vez que ainda não se deu o contato direto com essa modalidade.

Convém lembrar, ainda, que letramento nesse caso deve ser entendido como o manuseio individual do sistema escrito e não um conjunto de práticas sociais.

É essa Escrita₂ que a criança procura simular na fala, constituindo a Fala₂, que por sua vez também influencia a Escrita₂, que continua influenciando a Fala₂.

Apesar desse ciclo contínuo, não creio que resulte dele uma fala-padrão, como afirma Kato, corroborando Brown, nem que se dê uma tecnologização da fala, como o quer Ong.

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

O fato de o falante aculturado ou de um certo grau de letramento (agora, como conjunto de práticas sociais) apresentar uma fala de bom nível, que se assemelha à escrita, por apresentar como característica principal a obediência às normas gramaticais e, conseqüentemente, a correção gramatical, não quer dizer que inexoravelmente tenha perdido a sua espontaneidade do falar.

Logo, não ocorre exatamente uma fala-padrão, mas uma fala que se assemelha à escrita naturalmente; e como a escrita se caracteriza por apresentar-se de acordo com as normas de uso padrão, a fala que a simula introjeta naturalmente tais normas e aparenta ser padrão como a escrita.

O que não se pode negar é que após o contato contínuo com a escrita o indivíduo falante passa a apresentar uma fala diferente, característica de um falante letrado, em cujas produções textuais as influências que as modalidades exercem uma sobre a outra podem ser sentidas.

Ciclo de simulações contínuas

Considerando que, no momento em que a Fala₂ procura simular a Escrita₂, o grau de letramento do seu usuário já é relativamente alto, torna-se difícil precisar se as marcas da escrita encontradas nas produções orais representam apenas a influência da escrita sobre a prática da oralidade ou se são fruto de influências mútuas que se processam inconscientemente no indivíduo letrado.

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

Certamente, não se trata de um fenômeno unidirecional de influência que parte da escrita e incide sobre a oralidade.

O fenômeno de influências se dá nas duas direções, constituindo o que se pode chamar de ciclo de simulações contínuas, à semelhança do que Terzi chamou de reflexividade no desenvolvimento das duas modalidades.

Para ela, convém repetir, essa reflexividade é própria do terceiro momento na relação da escrita à oralidade, quando a criança passa a fazer uso do processo de construção textual próprio da interação face-a-face, embora o seu esquema de movimento dialético entre a fala e a escrita não tenha delimitado com clareza tal momento.

Kato, ao apresentar a sua visão acerca da direção do movimento de influência de uma modalidade sobre a outra deixou claro que o fenômeno é unidirecional, mas não esclarece se o processo continua ou pára neste ponto.

A meu ver, um ciclo contínuo se estabelece nesse momento; outras idas e voltas se dão entre a Fala₂ e a Escrita₂. Daí, as transformações paulatinas da norma, cuja discussão não constitui o objetivo deste trabalho.

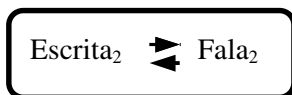


Figura 3. Ciclo de simulações contínuas.

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

É mister lembrar que tanto a fala (Fala₁ e Fala₂) quanto à escrita (Escrita₁ e Escrita₂) se nutrem da mesma fonte: a língua, o que garante a isomorfia parcial entre elas, apesar de apresentarem diferenças formais, funcionais e de natureza de estímulos.

Assim, para a descrição desse terceiro momento, apenas o fato de ser a produção oral ou escrita (quanto à concepção), ou gráfica ou sonora (quanto ao meio) é determinante.

Todavia, apenas esses parâmetros não bastam para uma descrição precisa das produções oral e escrita, visando distingui-las, como alerta Chafe:

Certainly there are a number of factors responsible for differences in the kinds of language a person may use. And certainly one of these factors is the matter of whether the language is produced with the mouth and received with the ear, or whether it is produced hand and received with the eye. We look here at some of the differences in language which seem to have much to do with that difference in how it is produced and received. At the same time we look at how some of the uses to which language is put interact with the spoken-written distinction. (CHAFE, 1987, p. 84)

Considerações finais

Pudemos observar que a prática da escrita representa muito mais do que uma atividade humana de comunicação e expressão do pensamento no uso da língua. É, de fato, uma das práticas sociais, já que a escrita está para os membros de uma sociedade de oralidade secundária com a oralidade em si está para o próprio ser humano.

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

Mormente se considerarmos que a prática da escrita causa uma série de transformações na vida do homem, que passa a pensar de forma mais abstrata.

Logo, transformações podem ser observadas na própria fala com a prática da escrita. E isso caracteriza o que vimos chamando de oralidade pós-letramento – uma oralidade mais bem estruturada, que se assemelha à escrita, por sofrer influências contínuas dela.

Para se chegar a essa conclusão, demonstramos como a oralidade que se desenvolve antes da prática assídua da escrita – a oralidade pré-letramento – se transforma na oralidade pós-letramento, que é aquela que muito se assemelha à escrita.

Decerto, a discussão sobre o tema não se esgota neste trabalho, que se limita a um artigo. Muito ainda se tem que pesquisar e digressionar a respeito, mas esperamos ter dado uma contribuição para novos estudos.

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

Referências Bibliográficas

BOTELHO, J. M. *Oralidade e escrita sob a perspectiva do letramento*. Tese Inédita (Curso de Doutorado em Letras – Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

_____. Oralidade e escrita, como práticas sociais. **In:** Amarantes e Depois – Revista da Pós-Graduação em Língua Portuguesa da FFP-UERJ, Ano I, n. 1, 2/2002. p. 57-74.

_____. A tecnologização da fala, sob a perspectiva do letramento. **In:** BOTELHO, J. M. (Org.) *et al.* Estudos Reunidos: Linguagem, Literatura e Gramática. Rio de Janeiro: Botelho, 2005. p. 11-8.

_____. O isomorfismo entre as modalidades da língua. Cadernos do CNLF, Ano VII, n. 7, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2003. p. 157-77.

BROWN, G. “Teaching the spoken language”. **In:** AILA. Brussel. *Proceedings II: Lecture*. 1981, p. 166-182.

BROWN, G.; YULE, G. *Teaching the spoken language: An approach based on the analysis of conversational English*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

_____. *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983. p. 1-26.

CHAFE, W. *Linguistic differences produced by differences between speaking and writing*. **In:** OLSON, D. R. et al (Eds.). *Literacy, Language and Learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 105-23.

CHAFE, W.; DANIELEWICZ, J. *Properties of speaking and written language*. **In:** HOROWITZ, R.; SAMUELS, S. J. (Eds.). *Comprehending oral and written Language*. New York: Academic Press, 1987. p. 83-113.

CHAFE, W.; TANNEN, D. *The relation between written and spoken language*. [s.i.: s.n.], *American Anthropological Review* Antropol. 1987a. p. 383-407.

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

GOODY, J.; WATT, I. "The consequences of literacy". **In:** GOODY, J. (Ed.), *Literacy in traditional societies*. London: Cambridge University Press, 1968.

_____. *As conseqüências do letramento*. Trad. de Waldemar Ferreira Netto. São Paulo: Palistana, 2006. (Coleção Biblioteca Básica)

FÁVERO, L. L. et al. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 2. ed., São Paulo: Cortez, 2000.

KATO, M. A. (Org.). *No Mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística*. 2. ed., São Paulo: Ática, 1987.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

ONG, W. J. *Orality and literacy: The technologizing of the word*. London: Methuen, 1982.

_____. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Trad. de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1998.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

TANNEN, D. *The oral/literate continuum in discourse*. **In:** TANNEN, D. (Ed.). *Spoken and written language: exploring orality and literacy*. Norwood, NJ: Ablex, 1982b.